

DOIS MUNDOS, DUAS CULTURAS QUE SE CRUZAM: AS NUANCES DO IMPERADOR TRAJANO NO EGITO E NA ROMA ANTIGA.

Arthur Rodrigues Fabrício
Liliane Tereza Pessoa Cunha
Departamento de História - UFRN

RESUMO

O Egito como província do Império Romano possuía importância vital no abastecimento de grãos e luxuosos produtos orientais através do Mediterrâneo que unia a cidade de Alexandria a Roma. No entanto, a despeito da influência do aparelho romano no território egípcio, podemos perceber a continuidade das estruturas ideológicas milenares nesse território, como o culto aos deuses, os ritos de mumificação e a própria ideia referente ao “conceito de reinado”, que diz respeito às funções do faraó. Pode-se encontrar em templos como o de Esna e o de Dendera, representações do Imperador Trajano cumprindo funções básicas relativas à manutenção da ordem (Maat), bem como realizando oferendas ou dançando para os deuses. Dessa forma, propomos uma análise dessas iconografias presentes nos templos, confrontando-as com a maneira tradicional romana de como Trajano é comumente representado.

Palavras-chaves: Trajano; Representações iconográficas; Egito; Roma Antiga.

TWO WORLDS, TWO CULTURES THAT MEET EACH OTHER: THE NUANCES OF THE EMPEROR TRAJAN IN EGYPT AND ANCIENT ROME.

ABSTRACT

Egypt as a province of the Roman Empire had a vital importance on the supply of grains and eastern luxury goods through the Mediterranean, which connected the city of Alexandria to Rome. However, despite the influence of the Roman organization in Egyptian territory, we can see the continuity of millenary ideological structures in that ancient territory, as the worship of gods, the rites of mummification and the very idea of the “concept of kingship”, which concerns the functions of the pharaoh. It can be found in temples, such as Esna and Dendera, representations of the Emperor Trajan fulfilling basic functions relating to the maintenance of order (Maat), as well as dancing or performing offerings to the gods. Thus, we propose an analysis of the iconography present in the temples, confronting them with the traditional Roman way as Trajan is commonly represented.

Key-words: Trajan; Iconographic representations; Egypt; Ancient Rome.

INTRODUÇÃO

Um ano após a vitória do triúviro Otaviano, que viria a se tornar “Augusto” em 27 a.C., sobre seu opositor e também triúviro, Marco Antônio, na Batalha de Ácio (31 a.C.), o futuro Imperador de Roma entra pela primeira e última vez em território egípcio, agregando-o às posses romanas. À vitória de Otaviano soma-se o duplo suicídio, de Cleópatra VII e de Marco Antônio, últimos regentes do Egito Antigo associados à Dinastia Ptolomaica, e ao assassinato do filho de Cleópatra, Cesário, que ascenderia ao trono após a morte de sua mãe, em uma provável atitude de precaução por parte de Otaviano.

Com o fim da dinastia Ptolomaica e a submissão do Egito como Estado vassalo a Roma, que se tornaria parte do Império a ser governado exclusivamente por Augusto, que seria nomeado *Imperator* em 29 a.C, chega-se a um ponto de clímax na aproximação entre Egito e Roma, quando o futuro Imperador assume a função de faraó (em 30 a.C.), somando às obrigações do “primeiro cidadão”, do Imperador, às obrigações políticas e religiosas a qual o governante do Egito teria de cumprir em vida. Quanto a essas obrigações do faraó-imperador, trataremos mais especificamente no decorrer das análises.

Quando Augusto ascende à posição de Imperador, trata de empregar atitudes que, de certa forma, isolavam o Egito do resto do Império, como por exemplo, a proibição da entrada de senadores romanos em tal província romana, exceto por autorização concedida pelo Império, bem como a exclusão dos egípcios do sistema administrativo do novo estado Imperial. No tocante ao viés econômico, apesar do Egito, em sua maioria, ter-se mantido próspero, a acumulação de riquezas que permanecessem nas próprias terras já não parecia uma constante, em relação aos períodos anteriores. A posição ocupada pelo Egito e seus navios que continham grãos, que via conexão mediterrânea entre Alexandria - e o Nilo - e Roma alimentavam a população da capital, tornava clara a importância da fertilidade da terra egípcia para o Império, que expandiu ao máximo a utilização do sistema de irrigação melhorado durante a administração ptolomaica, utilizando ainda impostos como garantia da produção, cujas falhas podiam ser legadas aos próprios governadores (SHAW; NICHOLSON, 2003, p.246). A mineração, em grande parte focada nos desertos egípcios do leste, visava à exploração do ouro, como em tantos outros períodos na história do Antigo Egito. No entanto, pedras exóticas apreciadas pelos romanos, como o *granito del foro*, o granito vermelho de Aswan, e a porfíria imperial, eram bastante visadas devido a sua importância decorativa (PEACOCK, 2003, p. 419).

Em termos políticos, o Egito Romano aproveitara, de forma superficial, muitos elementos do sistema político-administrativo dos ptolomaicos, com algumas particularidades, como o fato dos “faraós”, no caso, os Imperadores romanos, não morarem no Egito (SHAW; NICHOLSON, 2003, p.246). Em seu nível administrativo, o Egito Romano era dividido em trinta unidades chamadas “*nomos*”, sistema herdado da própria estrutura ptolomaica. Cada *nomos* possuía seu governador, ou *stratego*, que eram apontados e respondiam ao Prefeito, que por sua vez, ocupava o cargo político de administrador do Egito (PEACOCK, 2003, p.416). Não se pode deixar de lado o caráter militar da dominação de Roma sobre as terras do Egito, que eram garantidas por três legiões, durante os tempos de Augusto, depois reduzida a duas legiões (BARD, 1999, p.

78), que faziam a segurança das fronteiras, bem como agiam na função de instrumento regulador de possíveis revoltas, controlando ainda a atividade do banditismo nos desertos, consoante com a supervisão de navios de grãos e de minérios (PEACOCK, 2003, p. 418-419).

Apesar de o Egito ter sido exposto, em Roma, por Otaviano, durante sua contenda com Antônio, como um lugar exótico onde a luxúria imperava e onde o próprio triúviro, ao lado da perversa Cleópatra, entregava-se aos prazeres da bebida e da carne, como um verdadeiro discípulo de Dioniso (VASQUES, 2005, p. 10), os Imperadores romanos, como Augusto e vários de seus sucessores, como Tito Flávio, Adriano e o próprio Trajano, passaram a ser representados, dentro do programa artístico e dos padrões de representações egípcios, trajando as vestes comuns aos governantes daquela cultura, envoltos a signos milenares do Antigo Egito, bem como a performatizar os rituais reservados apenas aos faraós. Essa atitude frente ao sistema artístico e religioso do Antigo Egito mostrava-se parte de uma estratégia política que visava à manutenção do poder, por parte dos Imperadores, que procuravam, dessa forma, atender às necessidades político-religiosas milenares do Egito e de seu povo, associando a figura do faraó a um mediador entre os deuses e os homens, responsável direto pela manutenção da ordem (Maat) nas duas civilizações.

Nesse sentido, essa estratégia política de manutenção do poder era, obviamente, dupla, por representar os imperadores, em Roma, como defensores de uma moral e caráter que não existiria nas exóticas terras do Egito, no qual predominava os excessos. Enquanto isso, no próprio Egito, os imperadores eram retratados em paredes de templos, à maneira egípcia, como uma forma de cumprir as obrigações do imperador-faraó para com o próprio povo egípcio e com seu sistema religioso. Sobre isso, a especialista em Egito Romano, Marcia Severina Vasques, afirma em sua tese:

“No entanto, quando analisamos a questão do ponto de vista de gregos e romanos que habitaram o Egito, outras considerações devem ser apontadas. Augusto não poderia se mostrar muito favorável aos egípcios frente aos romanos. Isto fazia parte de sua estratégia política de manutenção do poder. No próprio Egito, os imperadores romanos eram retratados como faraós nos relevos dos templos e as construções e reparos nos templos egípcios continuaram sob o governo romano. Estrabão, por exemplo, grego de origem, que esteve no Egito no início do período imperial, por volta de 26 e 27 a.C. e era amigo pessoal do prefeito Aelius Gallius, afirma que o Egito era uma terra civilizada e culta (XVII, I, 3).” (VASQUES, Marcia Severina. **Crenças funerárias e identidade cultural no Egito Romano: máscaras de múmia, volume 1**. São Paulo: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, 2005, p. 22)

É, precisamente, esse contexto de continuidades de elementos do próprio “conceito de reinado”, a que os imperadores romanos visam cumprir, como a manutenção dos programas de construções dos templos, bem como as representações dos mesmos imperadores exercendo, como faraós, atos ritualísticos, como o oferecimento a divindades e a própria cena de “massacre” dos inimigos estrangeiros do Egito, que iremos abordar a seguir, procurando estabelecer distinções entre as formas representativas do imperador Trajano, quando retratado em Roma e no Egito. Para isso,

faremos ainda uma breve análise acerca do contexto romano, em que o imperador em questão se insere.

TRAJANO: O IMPERADOR ROMANO, O FARAÓ EGÍPCIO.

Considerando o contexto em que o imperador Marco Úlpio Nerva Trajano esteve à frente de Roma (98 a 117 d.C.), pode-se afirmar que este foi o primeiro imperador que não era natural de Roma, uma vez que ele nasce na província espanhola. Nesse sentido, Trajano, assim como o seu sucessor e filho adotivo Adriano (117-138 d.C), pregava uma relação harmoniosa com o senado, além do que foi responsável por um vasto programa de construções, como por exemplo, o fórum de Roma, estradas e banhos públicos. Durante seu império, Roma alcançaria a sua máxima extensão territorial, dominando regiões tais como a Britânia, Dácia e o Egito.

Nesse sentido, é importante ressaltar que Trajano, como sucessor e filho adotivo de Nerva, pode ser considerado como o primeiro na linha de adoção no tocante à sucessão do Império, haja vista que a filiação natural, diante da tirania de Domiciano não seria mais satisfatória. Na dinastia dos júlio-claudianos essa prática da adoção também é visível. No entanto, essa prática foi realizada a partir da necessidade e a sucessão continuava no vínculo familiar. No caso de Nerva, a escolha foi feita com base numa pessoa que seria capaz de controlar o Império Romano e assim não se prendeu à questão do parentesco. Com Trajano, as condições necessárias para a coesão do Império faziam-se presentes. Este seria então caracterizado como “provincial, homem de ação, treinado na vida militar, envolvia-o um grande prestígio.” (GRIMAL, 1984, p. 55). Desse modo, “com Trajano, inicia-se uma nova dinastia, a dos Antoninos – do imperador António o Pio -, durante a qual todo o Império viveu a sua idade de ouro (96-192).” (GRIMAL, 1984, p. 55).

Conforme o historiador Pierre Grimal, os antoninos, responsáveis pela idade de ouro romana foram tão soberanos absolutos como Nero ou Domiciano, no tocante ao serem adorados como deuses, além do que preferiam controlar a atuação dos senadores e das câmaras municipais das cidades provinciais. Um exemplo deste fato corresponde ao desfile de Trajano, quando este termina o seu reinado, vestido e interpretando a figura de Hércules. Portanto, a dinastia Antonina assemelhava-se aos imperadores anteriores na medida em que havia uma tentativa de governar com base em um direito divino. Assim, divinizar o imperador, “no século de Trajano, Adriano e de Marco Aurélio, é a afirmação de que as virtudes do Príncipe o igualam aos deuses, isto é, aos seres que, segundo uma opinião formada pelos filósofos e, em particular, pelos estóicos, são a imagem da moral por excelência.” (GRIMAL, 1984, p. 55). Desse modo, invocar a pessoa do imperador, considerada sagrada, seria um mecanismo religioso, na qual as consequências tendem a ser imprevisíveis.

À luz de tais considerações, seria pertinente ressaltar que embora houvesse esse controle por parte dos imperadores, considerando o governo com base no direito divino, nesse período as ideias circulavam livremente, sem que existissem fronteiras linguísticas impermeáveis pelo menos nas cidades, uma vez que os romanos cultos são bilíngues e havia ainda uma tentativa de recuperar a cultura grega com o movimento da segunda sofística. Conforme o historiador Noberto Luiz Guarinello (2009), este

movimento visava difundir a cultura da Grécia no império, logicamente que respeitando a dominação romana e desse modo, para alcançar a identidade grega era preciso falar corretamente a língua grega e possuir um conhecimento acerca das obras clássicas. Portanto, tal movimento justificaria a ausência de fronteiras linguísticas.

Outro fator que merece destaque refere-se ao rompimento da política instaurada por Otavio Augusto de controle do limite das fronteiras com o Império romano. “Trajano decide terminar, na parte inferior do Danúbio, a consolidação de uma fronteira sólida. A pouco e pouco, viu-se obrigado a conquistar o reino até então independente dos Dácios, transformando-o numa província do Império.” (GRIMAL, 1984, p. 56). Nesse sentido, além das preocupações estratégicas, outro fator que levou à conquista da Dácia foi o intuito de obter riquezas, haja vista que a região possuía minas de ouro e ferro. Assim, o ouro dos dácios fora somado às finanças imperiais. Em comemoração à conquista da Dácia, o imperador Trajano ergue uma coluna, mais conhecida como a coluna de Trajano.

Localizada no Fórum e completada em 113 d.C, a coluna é um monumento que representa a vitória de Trajano sobre os dácios. Neste contexto, ela corresponde a uma representação da memória de Trajano, já que glorifica a sua memória ao expor possíveis cenas da conquista da Dácia. Então, seria possível apontar, ao observarmos as cenas, a tentativa de representação de Trajano considerando sua superioridade perante a presença dos dácios. Na representação sugerida na figura 3, é perceptível o intuito de mostrar a dominação romana, visto que o imperador é apresentado subjugando os dácios.

Em outro momento, há uma representação da superioridade do imperador quando o mesmo é apresentado de acordo com uma representação equestre, simbolizando assim o seu domínio (figura 2). Tal representação mostra o imperador montado a cavalo, enquanto que os demais estariam em sua volta, a pé, mostrando assim a sua importância perante o exército romano. Além de glorificar as memórias do imperador Trajano, tal coluna possivelmente representaria uma “propaganda” das vitórias e da grandiosidade do império romano quando “dirigido” ou administrado por Trajano. Tendo em vista a grandiosidade do Fórum, a coluna pode passar despercebida. No entanto, nas cenas, pode-se perceber as várias tentativas de representar a glória do imperador no contexto da dominação dos dácios.

AS REPRESENTAÇÕES DE TRAJANO: O HIBRIDISMO ENTRE DAS CULTURAS.

Considerando as discussões anteriores acerca do momento em que o imperador se insere, Trajano é representado de acordo com duas culturas diferentes: a romana e a egípcia. Tais características podem ser definidas quando as iconografias do período são analisadas, como faremos a seguir. Nas iconografias referentes ao Egito Antigo no período da dominação romana, há a representação do imperador Trajano tendo como base a figura do faraó, função exercida por ele. Dentre as características encontradas, pode-se apontar representações do Imperador Trajano cumprindo funções

básicas relativas à manutenção da ordem (Maat) – figura 5, bem como realizando oferendas ou dançando para os deuses – figura 4. No tocante aos aspectos culturais da Roma Antiga, o imperador Trajano passa a ser representado sempre jovem e forte, como uma tentativa de demonstrar a sua virilidade, caráter atlético e força, visível na figura 1. Conforme os historiadores Géza Alföldy (1989) e Pierre Grimal (1984), Trajano é sempre descrito como um estrategista, responsável por alargar as fronteiras do império romano e por ser o principal responsável pela idade de ouro do império. Nesse sentido, Roma se mostraria como superior às demais civilizações e assim as representações analisadas e expostas na coluna de Trajano demonstrariam essa superioridade, à medida que o poderio da capital do mundo subjuga as outras civilizações.

Para pensar o conceito de representação trabalhado nessa análise, parte-se, a princípio do “mundo como representação”, tratado primeiramente pelo filósofo alemão Shopenhauer (1819), retomado, por sua vez, por Ernst Cassirer (1923), em sua *Filosofia das formas simbólicas*. A conceitualização desse termo indica uma abrangência quase infundável, por utilizar signos com os quais a realidade seria construída e re-significada. O historiador francês, Roger Chartier (1990), se distancia dessa forma conceitual, buscando um ideal de representação mais particular e com uma periodização histórica mais determinada. Sendo assim, busca definições antigas do dicionário de Furetière para o termo: por um lado, a noção de representação como dando a ver algo ausente, que supõe distância entre o que representa e aquilo que é representado e, por outro, como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém (CHARTIER, 1990, p.20). Em um primeiro sentido, evoca-se uma substituição física do objeto por sua imagem correspondente, idealizada, capaz de evocar a memória relacionada àquele objeto, enquanto, em outras abordagens, há a tentativa de estabelecer uma relação simbólica entre o signo visível e o referente que por ele é significado, evocando valores nem sempre estáveis ou unívocos, como coragem ou mesmo força.

Ao pensarmos essa relação simbólico-física e aproximá-la ao nosso objeto de estudo, entramos, dessa forma, em contato com o campo da História da Cultura Material, e para compreendermos a extensão desse conceito de “cultura material”, tem-se que:

“Por cultura material poderíamos entender aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem. Por apropriação social convém pressupor que o homem intervém, modela, dá forma a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais. Essa ação, portanto, não é aleatória, casual, individual, mas se alinha conforme padrões, entre os quais se incluem os objetivos e projetos.” (MENESES, Ulpiano T. Bezerra de . **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. Revista de História, São Paulo, n. 115, 1985, p.112).”

Desse modo, é importante pensar o objeto de estudo, a cultura material, partindo de seus usos e de suas apropriações sociais, para que seja realizada, dessa forma, uma crítica pertinente à própria fonte, atentando para sua historicidade e suas limitações, com um enfoque natural no fato de que as representações construídas do mundo social, embora busquem uma universalidade fundamentada na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam (CHARTIER, 1990, p.17).

À luz dos apontamentos, o imperador Trajano é comumente representado em Roma por suas grandes obras e conquistas no decorrer da sua administração. Nesse sentido, o caráter militar do imperador seria constantemente exaltado, demonstrando assim uma atitude heróica, isto é, gloriosa. Conforme Peter Burke (2004), na antiguidade clássica, há uma tentativa de imaginar o governante como heróico e nesse sentido os imperadores seriam ainda representados sempre jovens, como se “tivessem descoberto o segredo da eterna juventude. (BURKE, 2004, p. 83). Com isso, há a intenção de enfatizar a virilidade, a juventude e o caráter atlético do líder. Por esse motivo, as imagens dos governantes são retratadas corriqueiramente em estilo triunfante, em que a postura e o traje são representações do poder inerente à figura do governante, como retratado na representação do busto de Trajano (figura 1). Sendo assim, a vestimenta romana oficial oferece um caráter de maior dignidade e por esse motivo encontra-se habitualmente presente nos monumentos e representações romanas. Na representação do busto do imperador (figura 1), seria característico ainda a forma com que o cabelo do imperador é simbolizada. Ela seria uma tendência da época, na qual seu cabelo liso era representado em formato de cuia, seguindo a tendência representativa embelecida pelo imperador. Desse modo, as máscaras funerárias do período romano na administração de Trajano, por sua vez, serão representadas com o mesmo formato de cabelo do imperador romano Trajano.

Outra característica que aparece constantemente nas representações refere-se ao estilo equestre que, segundo o historiador inglês Peter Burke, corresponde a uma tentativa de expressar o esmagamento do inimigo. A cena número setenta e cinco da Coluna de Trajano (figura 2) mostra o imperador a cavalo, enquanto que todos os outros estariam em sua volta, caminhando a pé, em posição de inferioridade. Observando tal representação seria possível perceber ainda que o imperador encontra-se simbolizado no centro do recorte, demonstrando a sua superioridade e importância perante o exército. A postura de Trajano também merece destaque, haja vista que ela evidencia a superioridade do mesmo, além de demonstrar o seu triunfo. Nesse sentido, Trajano seria o representante da dominação. Essa dominação é retratada ainda na subjugação dos dácios após o fim da primeira campanha. (figura 3). Nela, o exército observa o pedido de clemência dos dácios que são representados visualmente diferentes dos romanos, portando barbas e vestimentas mais simplórias. A subjugação dos dácios é retratada ainda nas feições dos próprios, do imperador e do exército romano na medida em que os primeiros demonstram medo, desespero, dor, o segundo demonstra indiferença a condição dos dácios e os últimos observam corroborando com a expressão de indiferença do imperador.

Na figura 5, tem-se Trajano representado aos moldes egípcios, em uma iconografia milenar, recorrente em outros períodos da história do Antigo Egito, onde o mesmo encontra-se massacrando os inimigos estrangeiros, cumprindo, dessa forma, o papel do faraó de manter a ordem do universo, como existente nos primórdios da criação. *Maat*, deificação do conceito de ordem, equilíbrio, harmonia, justiça e verdade (SILVERMAN, 2002, p.50), une-se à própria função do faraó, que deveria manter esse equilíbrio e indicar que estava agindo de acordo com sua função de mediador entre a dimensão humana e a sua correspondente divina. Sendo assim, na arte e nos textos oficiais, o rei buscava se representar e se afirmar como aquele que mantém essa ordem, oferecendo para as divindades, *maat*, para que nela, eles pudessem viver. Submetida a função que deveria exercer o rei, mesmo na arte figurativa, não era representado como indivíduo, mas como tipo ideal (HORNUNG, 1994, p.243), estabelecendo com sua

imagem um padrão divinizado ao qual os seus súditos deveriam seguir, imitar e obedecer.

A ordem, em oposição ao caos, era necessidade básica para que os dois âmbitos, divino e humano, pudessem existir. Dessa forma, a figura do rei mostrava-se essencial. Segundo o egiptólogo David Silverman, “O papel do rei era um elemento fixo no padrão da ordem divina e, por esse motivo, sua existência era parte de *maat*.” (SILVERMAN, 2002, p.85). Esse é um dos conceitos referentes à própria estrutura do reinado que perpetua-se desde os primórdios da civilização egípcia, onde podemos observar, ainda no período pré-dinástico, na Paleta de Narmer, a figura do rei do Alto Egito cumprindo essa função ao massacrar com sua maça estrangeiros visualmente diferentes do mesmo. Sendo assim, “A cena de “massacre dos inimigos” não é apenas uma das mais recorrentes da arte faraônica, mas também um dos primeiros ícones reconhecíveis do reinado.” (SHAW, 2003, p.310).

O papel dos faraós passava ainda pela questão da expansão, sempre constante, do próprio Egito. Esse papel de criador obrigava-os a fundar algo novo, superando obras de seus antecessores, como por exemplo, o alargamento das fronteiras do próprio território egípcio, através de campanhas militares. (HORNUNG, 1994, p.258) Não se pode deixar de lado o caráter propagandístico dessas representações faraônicas: o rei representava a si próprio, mostrando-se como cumpridor de suas obrigações como mediador entre o mundo dos homens e dos deuses, responsável por manter *maat*, procurando mostrar-se ainda como aquele que sempre vence. Imbatível na guerra, indiferente perante os inimigos externos do Egito. As diversas formas artísticas e a arquitetura são representações de um caráter mágico característico da arte egípcia, que acreditava que ao representar ações benignas (ou mesmo malignas), esses resultados poderiam ser alcançados. Desse modo, esculturas, pequenas imagens e outras formas de representação cumpriam uma função legitimadora desse poder mágico e, igualmente faziam parte da propaganda real. (GRALHA, 2007, p.91)

Representado nas paredes do templo de Esna, dedicado ao deus Khnum, Trajano soube, como outros imperadores antes dele, associar sua imagem de imperador-faraó aos signos e padrões de representação própria do Antigo Egito, mostrando-se capaz de manter a própria instituição milenar do reinado. Trajano porta em sua mão direita uma maça de guerra, símbolo da força do faraó. À frente dele encontra-se o deus Khnum, responsável pela criação da humanidade em alguns mitos da cosmogonia egípcia. O baixo relevo, presente na parede externa do templo cumpre ainda a função apotropaica de proteger o ambiente puro do interior do templo da poluição e influências do mundo exterior. (ROBINS, 1997, p.17). Trajano veste um saiote *shendjit*, e porta uma coroa de chifres de carneiro com uma pluma, em destaque; uma cobra *uraeus* também pode ser vista. Trajano encontra-se bem adornado com braceletes e colares provavelmente de ouro. Segura pelos cabelos múltiplos estrangeiros, representados em escala menor, para mostrar a superioridade do faraó. Aos pés do faraó encontra-se um pequeno leão, provavelmente macho, que seria a representação animal do faraó, que assume características do próprio animal, como força, coragem e domínio.

O padrão de continuidade do reinado egípcio, que se manteve, mesmo por períodos de crise em seu sistema, soube englobar em seu modo de representação artístico, soberanos estrangeiros. Atentando para esse fato, o egiptólogo suíço Erick Hornung, entende que:

“Surpreendentemente, mesmo os soberanos estrangeiros conseguiram integrar-se nela (a instituição da realeza) durante mais de um milênio, transformando-se em “autênticos” faraós; no Templo de Esna, o imperador Trajano é ainda reproduzido a dançar perante as divindades egípcias, cumprindo assim, o seu dever religioso de mediador entre o mundo humano e o mundo divino.” (HORNUNG, 1994, p.261)

Na figura 4, tem-se o relevo do qual Hornung trata em sua fala, que mostra Trajano dançando em frente à deusa Menhet, consorte do deus Khnum no Alto Egito, divindade com traços de leoa cuja procedência acredita-se remontar à Núbia. O imperador dança em honra à divindade, vestindo um saíote *shendjit*, com seu pescoço coberto por um colar e usando o que parece ser uma peruca adornada com uma tiara. Portanto, essa postura do imperador romano, tão diferente do comumente representado em Roma, mostra esse hibridismo cultural entre duas civilizações, inicialmente tão distintas, mas cujas culturas acabaram por se entrecruzar, como demonstrado no decorrer da análise.

CONCLUSÃO

Ao longo da análise tornam-se perceptíveis as mudanças de comportamentos idealizadas na figura do imperador Trajano a partir do contato com o diferente, isto é, o egípcio. Sendo assim, o imperador é frequentemente representado exercendo o papel de faraó, no contexto da dominação romana. Considerando a sua atuação como imperador de Roma, na função de faraó, Trajano é representado de modo distinto, como demonstra as iconografias apresentadas anteriormente. Na figura 4, por exemplo, o imperador aparece dançando em honra a uma divindade egípcia, a deusa Menhet. Em Roma, por sua vez, o imperador seria o representante máximo, governando com base no direito divino e, conseqüentemente, sendo associado à figura de um deus. Trajano estaria então à frente do império romano, fato este que demonstra a sua superioridade, diferente da representação deste como faraó, prestando homenagens a deusa Menhet e, portanto, portando-se de forma subserviente a essa divindade. Dessa forma, pode-se afirmar que o entrecruzamento entre Roma e Egito possibilitou que a função do governante se tornasse mais ampla e assim, de acordo com a necessidade e como uma atitude estratégica, Trajano se molda a realidade das duas culturas, a fim de consolidar o seu poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFÖDY, Géza. **A História Social de Roma**. Lisboa: Editora Presença, 1989.

BARD, Kathryn A. **Encyclopedia of the archaeology of Ancient Egypt**. New York: Routledge, 1999.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História – Especialidades e Abordagens**, Petrópolis: Vozes, 2004.

BRANCAGLION Jr, A. **Manual de Arte e Arqueologia Egípcia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 2003.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. **Hibridismo cultural**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre Práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

GIBBON, Edward. **Declínio e Queda do Império Romano**. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1989.

Gralha, Julio . Kadesh: Guerra, Paz e Legitimidade no Reinado de Ramses II. In: VERGARA, Fabio.GONÇALVES, Ana. NOBRE, Chimenes. SILVA, Gláydson. VARGAS, Anderson. (Org.). **Guerra e Paz no Mundo Antigo**. 1 ed. Pelotas: LEPAARQ, 2007, v. , p. 89-99.

GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 1984.

GUARINELLO, Noberto Luiz. Império Romano e Identidade Grega. In: FUNARI, Pedro Paulo A.[org.]; SILVA, Maria Aparecida Oliveira. [org.]. **Política e identidades no mundo antigo**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

HORNUNG, Erik. O Rei. In: DONADONI, S. (org.) **O Homem Egípcio**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de . **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. Revista de História, São Paulo, n. 115, 1985.

PEACOCK, David. The Roman Period. SHAW, Ian. (Org) **The Oxford history of the ancient Egypt**. United States: Oxford University Press, 2003.

ROBINS, Gay. **The Art of Ancient Egypt**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

ROSTOVTZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1983.

SHAW, Ian; NICHOLSON, Paul. **Dictionary of Ancient Egypt**. London: British Museum Press, 2003.

SHAW, Ian. Egypt and the Outside World. SHAW, Ian. (Org) **The Oxford history of the ancient Egypt**. United States: Oxford University Press, 2003.

SILVERMAN, D. P. O divino e as divindades no Antigo Egito. In: SHAFER, B. E. (org.). **As religiões no Egito Antigo: deuses, mitos e rituais domésticos**. São Paulo: Nova Alexandria, p. 21-107.

VASQUES, Marcia Severina. **Crenças funerárias e identidade cultural no Egito Romano: máscaras de múmia, volume 1**. São Paulo: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, 2005.

ANEXOS

Figura 1



Busto em marfim de Trajano. Feito na Itália, por volta de 108 à 117 d.C. Altura: 68,8cm. Atualmente encontra-se no Museu Britânico.

Fonte:

http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/gr/m/marble_bust_of_trajan.aspx

Figura 2



Cena número setenta e cinco da Coluna de Trajano: Subjugação dos Dácios após o fim da primeira campanha. Encontra-se no Fórum de Trajano, em Roma.

Fonte:

<http://www.stoa.org/trajan/buildtrajanpage.cgi?148>

Figura 3



Cena número noventa e quatro e cento e dois da Coluna de Trajano: Subjugação dos Dácios após o fim da primeira campanha. Encontra-se no Fórum de Trajano, em Roma.

Fonte:

<http://www.stoa.org/trajan/buildtrajanpage.cgi?405>

Figura 4



O faraó Trajano dançando em frente à deusa Menhet, esposa de Khnum, no Alto Egito. Encontra-se no Templo de Esna.

Fonte:

<http://traveltuesdays.blogspot.com/2011/05/creation-and-elimination-at-esna.html>

Figura 5



Trajano, imperador romano, em cena característica, na qual o faraó subjuga os inimigos do Egito em frente ao deus Khnum. Localiza-se na parede norte do salão hipóstilo, em Esna.

Fonte:

http://cojs.org/cojswiki/Relief_of_Trajan%2C_c._115_CE

Figura 6



Imagem frontal da entrada do Templo de Esna, dedicado ao deus Khnum.

Fonte:

http://www.travelpod.com/travel-blog-entries/sabenafrica/1/1255419381/tpod.html#pbrowser/sabenafrica/1/1255419381/file_name=esna-temple.jpg

Figura 7



Coluna de Trajano, construída próxima ao Fórum de Trajano, em Roma, na Itália.

Fonte:

http://thaumazein-albert.blogspot.com/2011/03/travel-diaries-bishop-bernwards_244.html